

2

Sobre a Pele e o Psiquismo

Procuramos desenvolver no capítulo anterior a noção de que Freud jamais negligenciou a dimensão corporal. Prosseguimos nossa investigação tendo como ponto de partida o pressuposto de que o corpo ao qual nos referimos é o corpo habitado pelas pulsões, banhado pela linguagem e cultura. Assim sendo, o corpo a ser modificado será o corpo que – além de ser biológico – é também erógeno, pois neles são inscritas marcas de prazer e desprazer a partir da relação com o outro e do contato com o mundo. A pele pode, então, ser considerada a membrana decodificadora destas marcas de prazer e desprazer, viabilizando as percepções sensoriais táteis que posteriormente serão inscritas no registro simbólico³³ (Machado & Winograd, 2007).

Nesta perspectiva, procuraremos destacar mais diretamente noções e conceitos psicanalíticos voltados para o estabelecimento de uma relação – de fundamental importância – entre uma parte mais específica do corpo, a pele, e o desenvolvimento do psiquismo. Nosso interesse é o de elucidar alguns pontos que nos ajudem na compreensão de aspectos da vida psíquica que podem estar associados à pele, tendo como objetivo refletir as modificações corporais. Sabemos que as modificações corporais, em sua maioria, acontecem na pele ou através dela. Sendo nosso maior, mais extenso e mais antigo órgão e, desempenhando papel fundamental nas nossas experiências individuais, a pele despertou o interesse de diversos autores psicanalistas que também valorizam um tempo de nossas vivências marcado pelo sensorial, nos primórdios de nossas origens.

A pele pode ser considerada um “lugar” de paradoxos. Ao mesmo tempo é superfície e profundidade, dentro e fora, é intercâmbio com o mundo. Para Anzieu (1988) a pele aprecia o tempo e o espaço, mas só ela combina as dimensões

³³ Neste ponto as autoras localizam o uso do termo ‘simbólico’ em consonância com o emprego que Lacan faz dele, a partir de 1936, para designar um sistema de representação baseado na linguagem, isto é, em signos e significações que determinam o sujeito à sua revelia, permitindo-lhe referir-se a ele, consciente e inconscientemente, ao exercer sua faculdade de simbolização (ROUDINESCO; PLON, 1988).

espaciais e temporais. A pele também reage a estímulos de natureza diferente, está quase sempre disponível para receber sinais, aprender códigos, sem que interfiram um no outro.

Iniciaremos esta reflexão com conceitos do antropólogo inglês Montagu (1988) sobre “o significado humano do tocar”, para contextualizarmos a visão do autor sobre a importância da pele na relação com o sistema nervoso central, com o outro, com o ambiente e com a cultura. Passaremos para textos de Freud (1905, 1915, 1923) visando explorar a pele como uma zona erógena, e iniciar o embasamento da riqueza conceitual deste autor no percurso da descoberta e valorização deste órgão na fundamentação teórica de seus trabalhos sobre o desenvolvimento psíquico. Trabalharemos, depois, com autores pós-freudianos como Bick (1968) e Anzieu (1980), que, acreditando na importância de refletir sobre a vida psíquica e sobre o lugar que a pele ocupa na construção do psiquismo, aprofundaram seus campos teóricos e suas práticas clínicas nas próprias descobertas.

A relação entre a pele e o psiquismo é um tema que nos leva a buscar compreensão sobre as possíveis associações entre a superfície corporal e a vida psíquica, e, mais especificamente, o papel das modificações corporais neste processo de construção. Através de alguns conceitos dos autores acima citados, enfatizaremos a importância das primeiras experiências táteis para o desenvolvimento físico e para a organização do aparelho psíquico; as funções da pele e o papel importante que a pele ocupa nesse processo de organização. Mais adiante, visitaremos a noção de Anzieu (1988) de a pele é um lugar e um meio de comunicação com os outros, de estabelecimento de relações significantes e, para o autor, a terceira função da pele seria de ser também uma superfície de inscrição de traços deixados por tais relações.

A partir dessa noção de Anzieu (1988), podemos pensar que as modificações corporais possam fazer parte dessas inscrições compostas por esses traços das relações que temos com o outro e com o mundo. Para desenvolver esse pensamento, além de trabalharmos com os conceitos de Anzieu (1988; 2000) sobre o Eu-Pele e o Eu-Pensante, abordaremos alguns aspectos do trabalho de Valencia (2010) sobre funções psíquicas das marcas corporais.

2.1

A Pele, uma Zona Erógena

Na estranheza do fato de que a pele tenha ocupado tão pouca atenção dos pesquisadores, o antropólogo e humanista de origem inglesa, Montagu (1988), resolveu ampliar suas próprias observações e compreendeu que:

“A pele representa muitíssimo mais que um mero tegumento destinado a manter o esqueleto articulado ou a simplesmente fornecer revestimento para todos os outros órgãos; ao contrário, percebemos que a pele é em si mesma um órgão complexo e fascinante. Além de ser o maior órgão do corpo, os variados elementos que a compõem têm uma extensa representação a nível cerebral”. (Montagu, 1988, p. 31)

Desde a década de 70, na visão do autor, a pele não padece mais de falta de interesse, pois vem ocorrendo uma ampliação considerável do interesse e das pesquisas relativas às funções da pele, com resultados tão surpreendentes quanto fundamentais. Muito curiosa a forma pela qual o autor refere-se à experiência tátil, ou sua falta, utilizando uma equação denominada “a mente da pele” (Montagu, 1988), por acreditar que a pele pode ser considerada como porção exposta do sistema nervoso, Montagu (1988) aprimora a compreensão dessa equação apontando que podemos pensar na pele e nos referirmos a ela como o sistema nervoso externo.

Montagu (1988) descreve a pele como uma roupagem contínua e flexível que nos envolve por completo, como o mais antigo e sensível de nossos órgãos, nosso primeiro meio de comunicação, nosso mais eficiente protetor. Ressalta que, na evolução dos sentidos, o tato foi o primeiro a surgir, permanecendo constante e sendo o fundamento sobre o qual se assentam todos os outros sentidos (Montagu, 1988). O autor desenvolve a ideia de que tanto a pele quanto o sistema nervoso originam-se da mais externa das três camadas da pele, a ectoderme. O sistema nervoso central, cuja função principal, é manter o organismo informado do que está se passando fora dele, desenvolve-se como a porção da superfície geral do corpo embrionário que se vira para dentro. Nas palavras do autor:

“Portanto, o sistema nervoso é uma parte escondida da pele ou, ao contrário, a pele pode ser considerada como a porção exposta do sistema nervoso. Desta forma, aprimoraremos nossa compreensão dessas questões se pensarmos na pele e nos referirmos a ela como o sistema nervoso externo, como um sistema orgânico

que, desde suas primeiras diferenciações, permanece em íntima conexão com o sistema nervoso central ou interno”. (Montagu, 1988, p. 23)

No capítulo anterior, ao abordarmos o campo da pulsão, procuramos elucidar que os processos fisiológicos e psicológicos são concomitantes e dependentes reciprocamente uns dos outros. Procuramos elucidar, ainda, que a definição de conceito-limite aponta para o ponto de indiscernibilidade entre corpo e alma (Winograd, 2002). Pensamos que Montagu (1988), dentro de seu campo específico de interesse e pesquisa, expõe a ideia de que a pele e o sistema nervoso central comungam um intercâmbio da mesma ordem de importância, para o autor, após o nascimento, a pele é convocada a constituir muitas respostas adaptativas novas a um meio ambiente ainda mais complexo do que aquele ao qual esteve exposta – o útero. Nas palavras de Montagu (1988): “a pele está equipada para responder a todos esses estímulos com extraordinária eficiência (Montagu, 1988, p. 25).

Em seus estudos, Montagu (1988) parte, então, do princípio de que a pele é tecida de uma variedade de células resistentes e robustas, e protege os tecidos macios e moles do interior do corpo. Devido a este fato, o autor cria uma equivalência da pele a um bastião – local no qual se travam escaramuças, e onde invasores encontram a resistência. Ele localiza, aí, a nossa primeira e última linha de defesa (Montagu, 1988, p. 25). Mais um paradoxo interessante apontado sobre a pele: ela seria nossa primeira e última linha de defesa, princípio e fim engendrados. Para Montagu, as muitas funções da pele são:

- (1) base de receptores sensoriais, localização do mais delicado de todos os sentidos – o tato;
- (2) fonte organizadora e processadora de informações;
- (3) mediadora de sensações;
- (4) barreira entre organismo e ambiente externo;
- (5) fonte imunológica de hormônios para a diferenciação de células protetoras;
- (6) camada protetora das partes situadas abaixo dela contra efeitos da radiação e lesões mecânicas;
- (7) barreira contra materiais tóxicos e organismos estranhos;

- (8) responsável por um papel de destaque na regulação da pressão e do fluxo de sangue;
- (9) órgão reparador e regenerativo;
- (10) produtora de queratina;
- (11) órgão de absorção de substâncias nocivas e outras, que possam ser excretadas junto com os resíduos corporais eliminados;
- (12) reguladora da temperatura;
- (13) órgão implicado no metabolismo e armazenamento de gordura;
- (14) órgão implicado no metabolismo de água e sal, através da transpiração;
- (15) reservatório de alimento e água;
- (16) órgão da respiração, facilitadora da entrada e saída de gases através da mesma;
- (17) sintetizadora de vários compostos importantes, inclusive da vitamina D;
- (18) barreira ácida que protege contra as bactérias;
- (19) a secreção produzida pelas glândulas sebáceas lubrifica a pele e os pêlos, isolando o corpo contra chuva e frio e provavelmente ajudando no extermínio de bactérias;
- (20) autopurificadora.

As funções acima citadas são classificadas pelo autor como pertencentes ao plano físico da pele, são consideradas como de importância fundamental no desenvolvimento de todo seu estudo. As afirmativas de Montagu (1988) que foram selecionadas até o momento nos convocam a algumas reflexões. Em relação às quatro primeiras funções que Montagu atribui à pele: de base de receptores sensoriais; fonte organizadora e processadora de informações; mediadora de sensações; barreira entre organismo e ambiente externo; percebemos que essas funções da pele parecem ter chamado a atenção de Freud (1895) no que diz respeito à função que os órgãos dos sentidos exercem para o que denominou de sistema nervoso central, em sua busca de um modelo para o funcionamento psíquico. Para Garcia-Roza (2001), mesmo Freud sendo neurologista, o sistema nervoso ao qual ele se refere no texto “Projeto para uma Psicologia Científica”, corresponderia mais ao campo da metapsicologia. Um sistema nervoso que pode ser entendido como metáfora para o aparelho psíquico, sendo capaz de receber excitações advindas tanto do interior do organismo como

do mundo externo, e cuja atividade está voltada para passagem de determinada quantidade de energia.

Montagu (1988) evolui seu pensamento assinalando evidências de que, sem sombra de dúvidas, nenhum organismo consegue sobreviver por muito tempo sem estimulação cutânea de origem externa. O autor localiza este importante órgão na dimensão da construção do contato com o ambiente. Ele escreve:

“Na qualidade de órgão do sentido mais antigo e extenso do corpo, a pele permite que o organismo aprenda o que é seu ambiente. A pele e todas as suas partes diferenciadas é o meio pelo qual o mundo externo é percebido”.

(Montagu, 1988, p. 23)

Esta citação de Montagu (1988) remete-nos às explorações que Fontes (2006) faz de Freud (1923) para ressaltar a ideia de que a experiência tátil seria modelo de experiência psíquica. Ela escreve:

“Devido à sua bipolaridade tátil – Freud faz alusão ao fato de que sinto o objeto que toca a minha pele ao mesmo tempo em que sinto minha pele tocada pelo objeto –, a pele prepararia o desdobramento psíquico do ego (eu/não eu). Seria, portanto, na pele que o ego aprenderia o psíquico. Poderíamos dizer que a pele ensina o ego a pensar”. (Fontes, 2006, p.110)

Nesta estreita e importante relação entre a experiência tátil e a experiência psíquica, Montagu (1988) compreende por *tocar* o contato satisfatório ou a sensação satisfatória da pele de outra pessoa ou a própria. Ressalta que as diversas culturas variam tanto na maneira como expressam a necessidade de estimulação tátil quanto nos modos como a satisfazem, mas a necessidade é a mesma (Montagu, 1988). Em seu entendimento, se houver um erro, que seja no excesso de carinho, não na falta e deve-se evitar qualquer abrupta interrupção nos carinhos dispensados aos bebês. Na época em que escreveu o livro, em 1971, chegou a sugerir aos pais, principalmente nos EUA, que manifestassem seu afeto um pelo outro e pelos filhos de modo mais expansivo. Para o autor, as crianças e os adultos não precisam tanto de palavras, mas de atos de comunicação de afeto e envolvimento:

“As sensações táteis tornam-se percepções táteis segundo os significados dos quais foram investidas pela experiência. Experiências táteis inadequadas resultarão numa falta dessas associações e numa conseqüente incapacidade de criar relacionamentos fundamentais com outras pessoas. Quando o afeto e o

envolvimento são transmitidos pelo tato, são com estes significados, além dos de provimento de segurança através de satisfações, que o tato passará a estar associado. Este é, portanto, o significado humano de tocar”. (Montagu, 1971)

Autores pós-freudianos como Winnicott (1969), Bick (1968), Aulagnier (1985), MacDougall (1985), dentre vários outros, deram atenção especial à relação entre a mãe e o bebê, além de incluírem em seus trabalhos o pai e o ambiente. Assim como Montagu (1988), no campo da antropologia, valoriza a importância do contato com os pais por acreditar que as sensações táteis que são investidas pela experiência e seu significado tornam-se percepções táteis, Winnicott (1969), no campo da psicanálise, ao estudar as influências mútuas e muito iniciais na díade mãe-bebê, valoriza aquilo que denomina como *mutualidade*:

“O começo de uma comunicação entre duas pessoas; isto (no bebê) é uma conquista desenvolvimental, uma conquista que depende dos seus processos herdados que conduzem para o crescimento emocional e, de modo semelhante, depende da mãe e de sua atitude e capacidade de tornar real aquilo que o bebê está pronto para alcançar, descobrir, criar³⁴.” (Winnicott, 1969, p. 199)

Se Montagu (1988) define o significado humano do tocar pela transformação das sensações táteis em percepções táteis, envolvidas pelo afeto, pelos significados, pelo provimento de segurança através de satisfações; trazemos a mutualidade winnicottiana para esta cena por acreditarmos que a mutualidade também envolve o toque, representado pelos cuidados que o bebê experimentou ao ser cuidado. Talvez esta articulação entre o toque e a mutualidade seja tênue e delicada pelo fato de que as percepções táteis resultantes dos toques que a mãe experimentou enquanto bebê servirá *a posteriori* de herança para a abertura desse encontro entre a mãe, o bebê e a experiência de mutualidade, que ultrapassa então as dimensões do tocar, amplia a capacidade de adaptação entre a díade e parece apontar para um *continuum* na ideia da continuidade de ser que é a base da força do ego.

No entanto, não nos esquecemos que para Winnicott (1969), é necessário ressaltar o fato de que a mãe e o bebê chegam ao ponto da mutualidade de

³⁴ O autor explica, em nota, que isto tem relação com a expressão “realização simbólica”, de Sechehaye, que significa capacitar uma coisa real a tornar-se um símbolo significativo de mutualidade em um *setting* especializado (Sechehaye, M.A., *Symbolic Realization* – New York: International Universities Press, 1951).

maneiras diferentes. A mãe, já tendo sido um bebê, experienciou cuidados, brincadeiras, relacionamento com outros bebês na família ou em outras, pode ter opiniões firmes e próprias sobre o que está certo ou errado no tratamento de bebês. O bebê, por sua vez, nunca foi bebê e, tampouco, mãe. Não recebeu instruções e conta apenas com a soma das características herdadas e tendências inatas no sentido do crescimento e do desenvolvimento. Logo, a mãe pode identificar-se com o bebê de maneira altamente sofisticada, enquanto que o bebê, para Winnicott, traz para a situação apenas uma capacidade em desenvolvimento de chegar a identificações cruzadas na *experiência de mutualidade*. Para o autor “esta mutualidade pertence à capacidade que a mãe tem de adaptar-se às necessidades do bebê³⁵” (Winnicott, 1969, p. 199).

Se para Montagu (1988) o tocar é fundamental, encontramos em Winnicott (1969) outros desdobramentos interessantes para a experiência de encontro e contato físico entre a mãe e o bebê. Através da observação da experiência partilhada do embalo de uma paciente, o autor ilustra aquilo a que se refere ao cuidado básico ao bebê como técnicas primitivas que têm intercomunicação como subproduto, conduzem naturalmente a interações ainda mais primitivas ou fundamentais e têm a natureza de comunicações silenciosas. Para Winnicott (1969), nessas técnicas primitivas de cuidado básico, a comunicação só se torna ruidosa quando fracassa. Neste mesmo texto, o autor desenvolve seu pensamento acrescentando uma ampliação abrangente à palavra “sustentação” [*holding*]. Para Winnicott (1969), este termo descreve “tudo o que uma mãe faz no cuidado físico de seu bebê, inclusive largá-lo quando chega o momento para a experiência impessoal de ser sustentado por materiais não-humanos adequados” (Winnicott, 1969, p. 201). Em 1960, Winnicott já havia escrito que o principal aspecto da infância é a dependência e discute em termos do ambiente de *holding*: o termo *holding* é utilizado para significar não apenas o segurar físico de um lactente, mas também a provisão ambiental total, pois:

- protege da agressão fisiológica;
- leva em conta a sensibilidade cutânea do lactente – tato, temperatura, sensibilidade auditiva, sensibilidade visual,

³⁵ Nas palavras do autor, “necessidade” tem importância neste trecho tal como “pulsão” tem na área da satisfação do instinto.

sensibilidade à queda (ação da gravidade) e a falta de conhecimento do lactente da existência de qualquer coisa que não seja ele mesmo;

- inclui a rotina completa do cuidado dia e noite;
- segue também as mudanças instantâneas do dia-a-dia que fazem parte do crescimento e do desenvolvimento do lactente, tanto físico como psicológico.

Pelo fato do *holding* incluir especialmente o *holding* físico do lactente, que é uma forma de amar, Winnicott (1960) acredita que seja, possivelmente, a única forma em que uma mãe pode demonstrar ao lactente o seu amor. Todo esse suporte necessário contido no “holding” está estreitamente conjugado com o manejo ou “handling”, que corresponde à maneira pela qual o bebê é tratado, cuidado e manipulado. Será através do manejo cuidadoso e sensível que a relação da díade mãe-bebê vai sendo construída e mantida pela mãe, levará a criança a um reconhecimento gradativo de seu corpo.

Retornando às técnicas primitivas de cuidado básico, acrescentamos que a comunicação silenciosa é, então, uma comunicação de confiabilidade que protege o bebê de reações automáticas às intrusões da realidade externa e, para o autor, exatamente neste ponto a psicologia envolve a comunicação em termos físicos, dos quais “a linguagem é a mutualidade na experiência” (Winnicott, 1969, p. 202).

Vimos a importância do tocar para Montagu (1988) e ampliamos a importância dada às percepções táteis para a noção de técnicas de cuidado básico (*holding*) de Winnicott (1969). No capítulo anterior Aulagnier (1985) também ressalta a importância do meio familiar, e afirma que a mãe tem a tarefa de cuidar deste estado do corpo do bebê. Ao insistir sobre o papel da sensorialidade no momento do nascimento psíquico, Aulagnier (1985) constata o poder que os sentidos têm de afetar a psique e transformar uma zona sensorial em uma zona erógena. Freud, no texto “Três Ensaio Sobre a Sexualidade” (1905), descreve a pele como zona erógena ao afirmar que “trata-se de uma parte da pele ou da mucosa em que certos tipos de estimulação provocam uma sensação prazerosa de determinada qualidade” (Freud, 1905, p.172).

Freud (1905) também chama-nos atenção para o fato de que não há dúvida que desconhecemos as condições especiais às quais os estímulos produtores de

prazer estão ligados, e escreve que “em matéria de prazer e desprazer, a psicologia ainda tateia tanto no escuro que as hipóteses mais prudentes são as mais recomendáveis” (Freud, 1905, p.172). Interessante o fato de Freud ter utilizado a palavra “tateia” para solicitar prudência aos analistas, pois acreditamos na importância das primeiras experiências táteis para o desenvolvimento físico e psíquico do sujeito, logo, esse verbo para nós, pode endereçar para delicadeza, para uma busca por sensações e percepções que apontam para um tempo relativo os primórdios. Ele, ainda, expande seu pensamento ao relatar que “a propriedade erógena pode ligar-se de maneira mais marcante a certas partes do corpo” (Freud, 1905, p.173), o que faz com que qualquer outro ponto da pele ou da mucosa possa tomar a seu encargo as funções de uma zona erógena, desde que tenha certa aptidão para tal. Portanto, a qualidade do estímulo é que se relaciona com a produção da sensação prazerosa: a natureza da região do corpo não seria o mais importante.

Laplanche & Pontalis referem-se ao conceito de zona erógena por “qualquer região do revestimento cutâneo-mucoso suscetível de se tornar sede de uma excitação de tipo sexual” (Laplanche & Pontalis, 1982, p.533). Lembram-nos que Freud chega a estender depois a propriedade chamada erogeneidade a todos os órgãos internos e que uma interpretação exclusivamente anátomo-fisiológica é insuficiente para justificar a existência e predominância de certas zonas corporais. Também nos sugerem levar em consideração o fato de constituírem, nas origens do desenvolvimento psicosexual, os pontos de eleição das trocas com o meio, e, ao mesmo tempo, solicitar o máximo de atenção, de cuidados e, portanto, de excitações por parte da mãe (Laplanche & Pontalis, 1982, p.533). Por erogeneidade os autores compreendem “a capacidade de qualquer região do corpo ser a fonte de uma excitação sexual, quer dizer, de se comportar como zona erógena” (Laplanche & Pontalis, 1982, p.149).

Logo, pensamos que o estudo da pele, como um órgão fundamental para compreensão da constituição do corpo e do psiquismo, uma região privilegiada pelas qualidades de estimulação que desperta e recebe, torna-se imprescindível. Nas palavras de Freud: “[...] a pele, que em determinadas partes do corpo diferenciou-se nos órgãos sensoriais e se transmutou em mucosa, sendo assim a zona erógena por excelência” (Freud, 1905, p. 160). Sendo a pele a zona erógena “por excelência”, manipular ou modificar o corpo através dela nos direciona a

refletirmos sobre a possibilidade de certa relação entre a construção da corporalidade e a construção do ego, visto que parecem compartilhar o processo de formação em um *continuum*.

Sabemos que para alguns autores, como Mahler (1975), o nascimento biológico e psicológico não coincidem no tempo. Para a autora “o primeiro é um evento bem delimitado, dramático e observável; o último, um processo intrapsíquico de lento desabrochar” (Mahler, 1975[2002], p. 15). A este processo – que se reverbera através dos ciclos de vida, nunca termina e é sempre ativo – a autora chama de *separação-individuação*. Tem início por volta dos quatro ou cinco meses de vida do bebê e vai até o trigésimo ou trigésimo sexto mês. Nas palavras da autora:

“Referimo-nos ao nascimento psicológico do indivíduo como o *processo de separação-individuação*: o estabelecimento do sentido de desligamento (ser destacado) do mundo real e de relação com esse mundo, particularmente no que diz respeito às experiências do *próprio corpo do sujeito*, e ao principal representante do mundo como a criança o experimenta, o *objeto primário de amor*”. (Mahler, 1975, p. 15)

Ao desenvolver sua pesquisa, Mahler (1975) ressalta que seu foco é nos primórdios da infância, e que o processo se refere a uma aquisição intrapsíquica, feita muito cedo, de um sentimento de desligamento que reconhece como núcleo. Ela, porém, desenvolve seu pensamento afirmando que um velho sentimento de identidade própria e limites corporais parciais irresolutos ou velhos conflitos em relação à separação e desligamento podem ser reativados, ou mesmo permanecer ativos de maneira periférica ou central em quaisquer estágios da vida, ou mesmo em todos eles. Refere-se não aos novos eventos ou situações que daí possam ser extraídos, mas ao processo infantil original (Mahler, 1975). Para a autora, esta fase separação-individuação é uma espécie de segunda experiência de nascimento que descreve como “um desabrochar para fora da membrana comum simbiótica mãe-criança”, e este desabrochar seria do mesmo grau de importância e tão inevitável quanto o nascimento biológico (Mahler, 1975). Para a autora, a experiência real, biológica, do nascimento do bebê humano não coincide com seu nascimento psicológico, que pode ser compreendido como tornar-se uma entidade individual, separada, adquirindo um, ainda que primitivo, primeiro nível de identidade do self. Ao nascer, o sensorio do bebê parece não estar em sintonia

com o mundo da realidade, seu corpo se encontra em um estado de unidade simbiótica com a mãe.

O fato do nascimento psicológico e o biológico não coincidirem no tempo, reforça nossa ideia da possibilidade de certa mutualidade entre a construção do corpo e do psiquismo. Esta ideia advém do reconhecimento de que os processos do nascimento biológico e psíquico requerem suas próprias peculiaridades, porém são inextrincáveis. Valorizamos a concepção original do pensamento fundada na sensorialidade, Tustin³⁶ ressalta a fonte sensorial como fundamento do afeto e do pensamento. Fontes (2010) afirma que a autora demonstra que os estados originais de sensações têm uma importância fundamental no desenvolvimento da imagem do corpo e do sentido do ego, pois as sensações seriam as raízes do psiquismo. Assim sendo, torna-se importante a questão da consciência da separação física da mãe. Devido aos terrores vividos no estágio pré-verbal, a experiência de continuidade física pode ser uma ilusão derivada de uma reciprocidade empática entre o par mãe-bebê.

Logo, prosseguiremos pesquisando a função primária da pele baseando-nos no conceito de Esther Bick sobre a pele primária, em Anzieu, e seu conceito de Eu-pele, para, em seguida, trabalharmos a construção do ego e os conceitos de segunda pele (Bick, 1968) e Eu-pensante (Anzieu, 2000).

2.2

A Função Primária da Pele

Partindo da premissa de que a pele é um órgão de importância fundamental para a construção do psiquismo, continuamos nossa pesquisa analisando conceitos interessantes desenvolvidos por autores pós-freudianos que dedicam seus estudos às possíveis relações entre a construção do corpo e a origem do psiquismo. Interessa-nos, em especial, refletir sobre a função e o papel da pele nesta relação entre o corpo e o psiquismo. Visto que a pele ocupa esse lugar onde ocorrem as modificações corporais e também o lugar de órgão de relação, tentaremos compreender se as funções atribuídas a ela por Bick (1968) ou as funções

³⁶ Um de seus artigos intitula-se “L’Expérience sensorielle fondement de l’affect et de la pensée”.

atribuídas por Anzieu (1988) ao Eu-Pele nos ajudam a de compreender alguns aspectos dos processos que possam estar envolvidos nas modificações corporais.

Iniciamos com a ideia que Esther Bick apresentou no 25º Congresso Psicanalítico Internacional, na cidade de Copenhague, em 1967, cujo tema central referiu-se à: “função primária da pele do bebê e de seus objetos primários na união mais primitiva de partes da personalidade ainda não diferenciadas de partes do corpo” (Bick, 1968, p. 194). A originalidade do pensamento da autora advém de sua tese de que:

“Em sua forma mais primitiva, as partes da personalidade são sentidas como não tendo uma força de ligação entre si e [...], portanto, devem se manter unidas de um modo que vivenciam passivamente – com a pele funcionando como limite”. (Bick, 1968, p. 194)

Embora na ideia de Bick (1968) de que a pele funcione como um limite seja apontada a necessidade de que esta função interna dependa, inicialmente, da introjeção³⁷ de um objeto externo, a autora mostra como este objeto continente é sentido concretamente como uma pele. Mais tarde, a identificação com esta função do objeto substitui o estado não-integrado e dá origem à fantasia de espaços internos e externos. Somente após as funções continentes terem sido introjetadas, pode surgir o conceito de um espaço dentro do *self*. Assim se dá o processo de contenção do *self* e do objeto por suas respectivas “peles”. No desenvolvimento desta função de pele primordial, o objeto ótimo é o mamilo na boca, juntamente com a mãe que segura a criança, fala com ela e tem um cheiro familiar (Bick, 1968).

A ideia de que o órgão pele possa exercer a função de engendrar a vivência unificadora de continência na união primitiva de partes da personalidade que não se diferenciaram ainda de partes do corpo possibilitou a valorização da via sensorial na psicanálise. Anzieu (1980) dedica um capítulo de seu livro “O Eu-Pele” para trabalhar os conceitos de Bick (1968) sobre a segunda pele muscular. No que denomina “A Descoberta de Esther Bick”, Anzieu (1980) refere-se à importância do conceito que Bick elaborou e do estabelecimento de sua metodologia de observação. O autor afirma, quanto a “primeira pele” de Bick, que

³⁷ Por introjeção a autora compreende a “construção de um objeto num espaço interno” (Bick, 1967[1981], p.194).

ela corresponde exatamente ao seu conceito de Eu-pele, formulado em 1974, portanto depois de Bick. Afirma, porém, que só tendo tomado conhecimento do artigo dela depois da publicação do seu, seria “um mesmo fato descrito por dois pesquisadores trabalhando separadamente” (Anzieu, 1980, p. 226).

Antes de entrarmos especificamente nos conceitos de Anzieu (1988), faremos algumas colocações referentes a Winnicott para relacionarmos à ideia que Anzieu explora, baseado nas noções de Bick, da formação de uma pele continente.

Vimos anteriormente que Winnicott (1969) descreve e fundamenta a importância da *experiência Mãe-Bebê de mutualidade*, e ressaltamos dois outros pontos interessantes da visão deste autor. O primeiro deles é a descrição do bebê – ao estudar o valor das influências mútuas muito iniciais e a maneira pela qual ele chega à capacidade de objetivar – como um “fenômeno complexo que inclui o seu potencial e *mais* o seu meio ambiente”, pois numa condição de dependência quase absoluta “*não podemos descrever o bebê sem descrever o meio ambiente*” (Winnicott, 1969, p.196). Ao levar em consideração o lugar da mãe no relacionamento da díade, o autor denomina de ambiente suficientemente bom aquele que possibilita ao bebê alcançar, a cada etapa, as satisfações, ansiedades e conflitos inatos e pertinentes. Caso contrário, se o ambiente distorcer o desenvolvimento do bebê, será considerado ambiente não suficientemente bom (Winnicott, 1956, p.399).

Sobre a ideia de objeto nesta fase inicial, Winnicott (1969) acredita que este estágio de dependência absoluta – ou quase absoluta – tem a ver com o estado, no começo, do bebê ainda não ter separado um NÃO-EU do que é EU: ele ainda não se acha aparelhado para desempenhar esta tarefa. Winnicott escreve: “em outras palavras, o objeto é um objeto subjetivo, não objetivamente percebido. Mesmo que seja repudiado, posto longe, o objeto ainda é um aspecto do bebê” (Winnicott, 1969, p.197).

O segundo ponto que ressaltamos do pensamento winnicottiano, neste momento, é a necessidade que o desenvolvimento se dê – para passar ao estágio seguinte do não-eu citado acima – *por causa das experiências que o bebê tem do comportamento adaptativo da mãe* (ou substituto materno). É através da *experiência* da maternagem suficientemente boa que o bebê passa para a percepção objetiva, herdando a tendência a fazer isto e tendo-lhe sido dadas a aparelhagem perceptual e a oportunidade (Winnicott, 1969, p.197). Mas, para

compreensão da profundidade e importância do papel desempenhado pela mãe no pensamento deste autor, é necessária a compreensão da sofisticação desta relação Mãe-Bebê. Assim sendo, Winnicott (1969) desenvolveu o conceito de “Preocupação Materna Primária”, na tentativa de mostrar que podemos esperar uma maternagem suficientemente boa das mães de todo o mundo, por causa de uma situação peculiar que acontece às mulheres durante a gravidez, algo que dura algumas semanas após o nascimento do bebê. Este estado psicológico denominado como *Preocupação Materna Primária*, esta condição psiquiátrica muito especial, é uma condição organizadora que seria uma doença no caso de não existir uma gravidez. Compreende as seguintes características: um estado de sensibilidade exacerbada durante e principalmente o final da gravidez; tem a duração de algumas semanas após o nascimento do bebê; dificilmente as mães se recordam depois que o ultrapassam. Deve também ser uma mudança temporária, a menos que algum distúrbio psiquiátrico ocorra (Winnicott, 1956, p. 401).

De um lado há a mãe, geralmente neste estado psicológico especial, e de outro lado há o bebê, que apresenta: uma constituição; tendências inatas ao desenvolvimento; motilidade e sensibilidade; instintos engajados na tendência ao desenvolvimento, com mudança das zonas dominantes (Winnicott, 1956, p. 402). Neste encontro entre a mãe e o bebê, para o autor:

“A mãe que desenvolve esse estado ao qual chamei de ‘preocupação materna primária’ fornece um contexto para que a constituição da criança comece a se manifestar, para que as tendências ao desenvolvimento comecem a desdobrar-se, e para que o bebê comece a experimentar movimentos espontâneos e se torne dono das sensações correspondentes a essa etapa inicial da vida”. (Winnicott, 1956, p. 402)

Para fechar estas notas sobre o pensamento de Winnicott, registramos que uma adaptação suficientemente boa à necessidade do bebê oferecida pela mãe garante que a linha de vida da criança seja perturbada muito pouco por reações à intrusão. A falha materna interrompe o “continuar a ser” do bebê e o excesso de reações provoca frustração e uma *ameaça de aniquilação* (Winnicott, 1956).

Todo este recorte se fez necessário para podermos contextualizar o fato de que, neste encontro suficientemente bom entre a mãe e o bebê, a mãe seria “uma verdadeira pele continente” (Anzieu, 1980, p.226), e o fracasso neste encontro

poderia conduzir o bebê à formação de uma segunda pele, uma prótese substitutiva (Anzieu, 1980, p. 226).

Retomando agora os conceitos de Anzieu (1980), por Eu-pele, o autor designa:

“Uma representação de que serve o Eu da criança durante fases precoces de seu desenvolvimento para se representar a si mesmo como Eu que contém conteúdos psíquicos, a partir de sua experiência da superfície do corpo. Isto corresponde ao momento em que o Eu psíquico se diferencia do Eu corporal no plano operativo e permanece confundido com ele no plano figurativo”. (Anzieu, 1980, p. 62)

Para o desenvolvimento do conceito de Eu-pele o autor embasa-se na ideia de que toda atividade psíquica se estabelece sobre uma função biológica (Anzieu, 1980, p. 62). Logo, o Eu-pele encontra seu apoio sobre diversas funções da pele, das quais o autor assinala três:

- a primeira: a pele é a bolsa que contém e retém em seu interior o bom e o pleno, armazenados com o aleitamento, os cuidados, o banho de palavras;

- a segunda: a pele é a interface que marca o limite com o fora e o mantém no exterior, é a barreira que protege da penetração vinda dos outros, seres ou objetos;

- a terceira: a pele é, ao mesmo tempo que a boca – e tanto quanto ela –, um lugar e um meio primário de comunicação com os outros, de estabelecimento de relações significantes. Portanto, a pele é também uma superfície de inscrição de traços deixados por tais relações (Anzieu, 1980).

Além das três funções da pele, escritas em 1974, Anzieu (1988) desenvolve alguns princípios gerais nos quais embasou suas descobertas em direção ao conceito de Eu-pele. Seleccionamos alguns deles: o autor dá destaque à pele como dado de origem orgânica e ao mesmo tempo imaginária, como um sistema de proteção de nossa individualidade, assim como primeiro instrumento e lugar de troca com o outro. Sendo assim, Anzieu (1988) procura fazer surgir um outro modelo, com fundamento biológico assegurado, onde a interação com o meio encontre seu fundamento, que respeite a especificidade dos fenômenos psíquicos em relação às realidades orgânicas, e também em relação aos fatos sociais: o autor deseja, portanto, um modelo que pareça apto a enriquecer a psicologia e a psicanálise em sua teoria e em sua prática (Anzieu, 1988).

Anzieu (1988) postula uma dupla sustentação para o psiquismo: sobre o corpo biológico e sobre o corpo social; uma sustentação mútua entre a vida orgânica e a vida social. Fator relevante para nossa pesquisa, visto que as modificações corporais não devem ser analisadas sem a inclusão da cultura. Temos reforçado, até aqui, a premissa da importância do ambiente e da cultura na constituição da noção de corpo e do psiquismo com os pensamentos de Aulagnier (1985), Winnicott (1969), Montagu (1988) e Anzieu (1988), mas trabalharemos também, no capítulo 3, as reflexões e contribuições de Marcel Mauss (1937) a este respeito.

Para marcar a distinção entre a perspectiva psicanalítica e as perspectivas psicofisiológica e psicossociológica, Anzieu esclarece no conceito de Eu-pele que:

“O Eu-pele é uma estrutura intermediária do aparelho psíquico: intermediária cronologicamente entre a mãe e o bebê, intermediária estruturalmente entre a inclusão mútua dos psiquismos na organização fusional primitiva e a diferenciação das instâncias psíquicas que corresponde à segunda tópica freudiana”. (Anzieu, 1989, p. 19)

Assim, Anzieu (1988) reforça a ideia de que sua formulação do Eu-pele está incluída no campo psicanalítico, e, mesmo reconhecendo as bases orgânicas necessárias ao desenvolvimento e sustentação do psiquismo, o Eu-pele – antes de ser um conceito – é, intencionalmente, uma vasta metáfora. O autor espera que sua ideia estimule a liberdade de pensar dos psicanalistas e enriqueça a gama das intervenções junto aos pacientes e suas curas (Anzieu, 1988).

Ao produzir o livro “O Eu-pele” (1988), Anzieu propôs nove funções para o Eu-pele, nas quais configura um paralelo mais sistemático entre as funções da pele e as funções do Eu. O autor procura precisar para cada uma o modo de correspondência entre o orgânico e o psíquico, os tipos de angústia ligados à patologia desta função e as representações de distúrbio do Eu-pele que a clínica nos traz. Já em seu livro “O Pensar: do Eu-Pele ao Eu-Pensante” (2002), Anzieu retira a nona função do Eu-pele e passa a manter apenas as oito primeiras. Seleccionamos delas apenas o modo de correspondência entre o orgânico e o psíquico, e algumas funções, de forma especial, para refletirmos sobre o material pesquisado até o momento. Motivo pelo qual faremos recortes diferentes,

dependendo da função abordada e do nosso interesse nas reflexões sobre as possíveis relações com as modificações corporais.

Segue a primeira função do Eu-pele, nas palavras do autor:

- 1) “Assim como a pele desempenha uma função de sustentação do esqueleto e dos músculos, o Eu-pele desempenha uma função de manutenção do psiquismo. A função biológica é exercida pelo que Winnicott (1962, p. 12-13) chamou de *holding*, isto é, pela maneira como a mãe segura o corpo do bebê. A função psíquica se desenvolve por interiorização do *holding* maternal. O Eu-pele é uma parte da mãe – particularmente suas mãos – que foi interiorizada e que mantém o psiquismo em estado de funcionar ao menos durante a vigília, tal como a mãe mantém nesse mesmo tempo o corpo do bebê num estado de unidade e solidez (Anzieu, 1988, p.130)”.

O autor ressalta neste ponto que o que está em jogo não é a incorporação fantasmática do seio-nutritivo, mas sim a identificação primária de um objeto-suporte contra o qual a criança se aperta e que a mantém; é mais a pulsão de agarramento ou de apego que encontra satisfação do que a libido. Anzieu (1989) continua a desenvolver seu pensamento afirmando que a união face a face do corpo da criança ao corpo da mãe é ligada à pulsão sexual que encontra satisfação ao nível oral na mamada e nesta satisfação do amor que é o abraço. Trazemos para esta primeira função do Eu-pele a lembrança de dois aspectos citados por Aulagnier (1985) que foram vistos anteriormente: a autora vislumbra o estado do corpo que a mãe “propicia” ao bebê e o estabelecimento do “Eu antecipado” como condições básicas para a constituição do corpo próprio. Sobre a referência de Anzieu (1988) a respeito das mãos, lembramos aqui, como ele próprio afirma, que “a massagem se torna uma mensagem” (Anzieu, 1988, p. 61), para valorizar a importância das comunicações pré-verbais. E, finalizando este comentário, apontamos que Geneviève Haag (2010) tem atualmente dedicado seus estudos ao que denomina de “O Teatro das Mãos”, buscando, na denominação intitulada por ela de “representação-mão”, a base teórica para uma das primeiras representações da fabricação da imagem do corpo. Anzieu (1988) ressalta o Eu-pele como uma parte da mãe – as mãos –, e Haag (2010) desdobra essa ideia refletindo sobre os

momentos de contemplação das mãos pelos bebês ao auto-erotismo primitivo, normal, porém remetido à memória de certa representação. Para a autora, a palma da mão representa o *em torno* da continência, e os dedos são derivados de certas imagens “*boucles de retour*”, termo compreendido como volteios ou dobra, de ritmicidade relacionada às primeiras descargas, em um período bem inicial da vida do bebê.

Partimos para a segunda função do Eu-pele:

- 2) “À pele que recobre a superfície inteira do corpo e na qual estão inseridos todos os órgãos dos sentidos externos responde a função *continente* do Eu-pele. Esta função é exercida principalmente pelo *handling* maternal. A sensação-imagem da pele como bolsa é despertada, no bebê, pelos cuidados do corpo, apropriados às suas necessidades, dispensados pela mãe. O Eu-pele, como representação psíquica, emerge dos jogos entre o corpo da mãe e o corpo da criança e também das respostas da mãe às sensações e emoções do bebê, respostas gestuais e vocais, pois o envelope sonoro redobra então o envelope tátil, respostas de caráter circular onde as ecolalias e as ecopraxias de um imitam as do outro, respostas que permitem ao bebê experimentar progressivamente essas sensações e emoções por sua própria conta sem se sentir destruído (Anzieu, 1988, p. 133)”.

Esta parte da segunda função do Eu-pele remete-nos a Winnicott (1951) e à sua proposição de que, nos primórdios da experiência do bebê, que se expressam principalmente em termos do relacionamento com sua primeira posse, este estágio deve sua existência à capacidade especial que a mãe tem de adaptar-se às necessidades do bebê e permitir-lhe a ilusão de que o que ele cria realmente existe. Aulagnier (1985), referindo-se ao corpo da mãe e do bebê, escreve, como vimos no capítulo anterior, que a emoção põe em ressonância dois corpos e lhes impõe respostas similares. Anzieu (1988) reforça, nesta função, a importância do “banho de palavras”.

Anzieu (1988) continua suas explicações sobre esta segunda função do Eu-pele recorrendo a R. Kaës (apud Anzieu) e à distinção de dois aspectos desta função. O primeiro deles é o “continente”: estável, imóvel, se apresenta como

receptáculo passivo para o depósito das sensações-imagens-afetos do bebê, assim neutralizados e conservados. O segundo aspecto é o de “contentor”, que corresponde ao aspecto ativo, à identificação projetiva, ao exercício da função alfa que elabora, transforma e restitui ao interessado suas sensações-imagens-afetos que se tornam representáveis (Anzieu, 1988). O autor complementa seu pensamento afirmando que como a pele envolve todo o corpo, o Eu-pele visa envolver todo o aparelho psíquico e que só é continente se houver pulsões para serem contidas e localizadas em fontes corporais, que mais tarde serão diferenciadas.

O Eu-pele apresenta, então, dois aspectos: o de *continente* – que se refere à passividade e à receptividade –, e o de *contentor*– que se refere à atividade, à transformação e restituição das representações. O aspecto contentor da função do Eu-pele chama-nos atenção para possíveis aproximações com as modificações corporais, visto que os processos de manipulação do corpo apresentam também aspecto ativo e transformador e, quem sabe, restituidor das sensações-imagens-afetos na constituição da representação do corpo próprio.

Segue a terceira função:

- 3) “A camada superficial da epiderme protege a sua camada sensível (aquela onde se encontram as terminações livres dos nervos e os crepúsculos do tato) e o organismo em geral contra as agressões físicas, as radiações, o excesso de estimulações. Desde “*Esquisse d’une psychologie scientifique*” de 1895, Freud reconheceu ao Eu uma função de pára-excitação. Na “*Notice sur Le Bloc magique*” (1925), ele especifica que o Eu (assim como a epiderme, se bem que Freud não tenha chegado a esta precisão) apresenta uma estrutura em folheto duplo. No “*Esquisse*” de 1895, Freud deixa entender que a mãe serve de pára-excitação auxiliar do bebê, e isto – o acréscimo é meu – até que seu Eu em crescimento encontre sobre sua própria pele um apoio suficiente para assumir essa função (Anzieu, 1989, p. 134)”.

Esta terceira função representa o papel de pára-excitação, a capacidade da camada mais superficial da pele de proteger o organismo contra os excessos de estimulações, e é de grande importância. No capítulo anterior, ao abordarmos

alguns conceitos de Aulagnier (1985), levantamos a questão sobre a possível relação entre as modificações corporais e o papel de para-excitação. Se pensarmos em um diálogo contínuo entre o corpo e o psiquismo, na construção da subjetividade banhada pela cultura, não devemos deixar de dedicar especial atenção às modificações corporais. Talvez a busca por uma “pele própria” possa comportar a ideia de proteção, endereçar para a constituição da subjetividade, já que Anzieu (1988) expande a afirmação de que Freud reconhece ao Eu uma função de para-excitação, para abrangência da epiderme. Em relação à estrutura de folheto duplo – que Anzieu (1988) refere à Freud –, lembramos as produções de André Green, que desenvolve importantes conceitos a partir da obra freudiana. Citamos aqui, em especial, *La Double Limite* (1982) e *Conferências Brasileiras de André Green, Metapsicologia dos Limites* (1986), que podem ser relacionadas à ideia de folheto duplo pela valorização da pulsão na teoria e pela proposta de que o limite é também um conceito. Infelizmente, dentro do recorte necessário, não investigaremos a obra deste autor.

Já a quarta função do Eu-pele refere-se à individualização do self, para Anzieu (1988):

- 4) “A membrana das células orgânicas protege a individualidade da célula diferenciando os corpos estranhos aos quais recusa o acesso das substâncias similares ou complementares às quais ela permite a admissão ou a associação. Pela sua granulação, sua cor, sua textura, seu odor, a pele humana apresenta diferenças individuais consideráveis. Elas podem narcisicamente ou mesmo socialmente ser superinvestidas. Permitem diferenciar no outro os objetos de apego e de amor e a afirmação de si mesmo como um indivíduo que tem sua pele pessoal. Por sua vez, o Eu-pele assegura uma função de individuação do Self, que lhe traz o sentimento de ser um ser único. A angústia descrita por Freud (1919), da “*estranheza inquietante*”, está ligada a uma ameaça visando à individualidade do Self por enfraquecimento do sentimento das fronteiras do Self. Na esquizofrenia, toda a realidade exterior (mal diferenciada da interior) é considerada como perigosa de assimilar e a perda do sentimento da

realidade permite a manutenção a qualquer preço do sentimento de unicidade do Self (Anzieu, 1989, p. 135)”.

Pensamos que talvez possamos incluir, neste ponto da reflexão de Anzieu, (1988) as situações vivenciadas por médicos e dentistas, relatadas na introdução da pesquisa, de alguns pacientes que apresentam um estranhamento diante do espelho após sofrerem alguma modificação corporal, seja em procedimentos estéticos, médicos ou odontológicos. Os pacientes, ao se olharem no espelho, parecem não se reconhecer, ou desconhecem alguns de seus “traços familiares”, como se houvesse certa perda da própria referência. Se para Anzieu (1988) esse sentimento de si mesmo como um indivíduo que tem sua pele pessoal advém da função de proteção e individualização que o Eu-pele possibilita, pensamos que as modificações corporais podem solicitar, mais para algumas pessoas e menos para outras, a vivência de um processo delicado. Neste delicado processo de modificar o corpo parece que, quando a lâmina corta a pele, ela também parece endereçar ao psiquismo determinada equivalência, certa ameaça que visa à individualidade do Self e solicitará trabalho psíquico para a sua recusa, admissão ou associação.

A quinta função do Eu-pele refere-se à capacidade de ligação entre diversas sensações entre si, a intersensorialidade. Para Anzieu (1988):

- 5) “ A pele é uma superfície portadora de bolsos, de cavidades onde estão alojados os órgãos dos sentidos com exceção dos do tato (os quais estão inseridos na epiderme). O Eu-pele é uma superfície psíquica que liga as sensações de diversas naturezas entre si e que as faz destacar como figuras sobre esse fundo originário que é o envelope tátil: é a função de *intersensorialidade* do Eu-pele que leva à formação de um “senso comum” (o *sensorium commune* da filosofia medieval), cuja referência de base se faz sempre ao tato. A carência desta função responde a angústia de fragmentação do corpo, mais precisamente a de desmantelamento (Meltzer, 1975), isto é, de um funcionamento independente, anárquico, dos diversos órgãos dos sentidos (Anzieu, 1988, p. 136)”.

O autor cita o papel decisivo do interdito do tocar na passagem do envelope tátil continente ao espaço intersensorial que prepara para a simbolização.

Aponta que na realidade psíquica existe uma representação imaginária da pele como tela de fundo, como superfície originária sobre a qual se estendem as interconexões sensoriais (Anzieu, 1989, p.136).

A sexta função do Eu-pele é a função de superfície *de sustentação da excitação sexual*, ou seja, os cuidados maternos, quando realizados de forma tranquilizadora e agradável, preparam para as experiências auto-eróticas e para o prazer sexual. Nas palavras do autor:

- 6) “A pele do bebê faz da mãe o objeto de um investimento libidinal. A alimentação e os cuidados são acompanhados de contatos com a pele geralmente agradáveis, que preparam o auto-erotismo e situam os prazeres de pele como tela de fundo habitual dos prazeres sexuais. O Eu-pele exerce a função de superfície de *sustentação da excitação sexual*, superfície sobre a qual, em caso de desenvolvimento normal, zonas erógenas podem ser localizadas, a diferença dos sexos reconhecida e sua complementariedade desejada. O exercício desta função pode se bastar a si mesma: o Eu-pele capta sobre toda sua superfície o investimento libidinal e se torna um envelope de excitação sexual global (Anzieu, 1989, p.136)”.

A sétima função corresponde ao fato de que, como a pele é permanentemente estimulada pelas excitações externas, o Eu-pele é o responsável pela recarga, manutenção e repartição da libido no aparelho psíquico:

- 7) “À pele como superfície de estimulação permanente do tônus sensório-motor pelas excitações externas responde a função do Eu-pele de *recarga libidinal* do funcionamento psíquico, de manutenção da tensão energética interna e de sua repartição desigual entre os subsistemas psíquicos (Anzieu, 1988, p. 137)”.

A oitava função do Eu-pele é a de permitir a inscrição, no aparelho psíquico, de traços sensoriais táteis. Interessa-nos saber que, para Anzieu(1988):

- 8) “A pele, com os órgãos dos sentidos táteis que ela contém (tato, dor, calor/frio, sensibilidade dermatotópica), fornece informações diretas sobre o mundo exterior (que são em seguida reescaladas pelo ‘senso comum’ com as informações sonoras, visuais etc). O Eu-pele exerce a função de *inscrição dos traços* sensoriais táteis (Anzieu, 1988, p. 137)”.

Para o autor, esta é a função de pictograma, de acordo com Piera Castoriadis-Aulagnier (1975), que vimos no capítulo anterior, e é reforçada pelo ambiente materno à medida que ele exerce seu papel de “apresentação de objeto” (Winnicott, 1962) junto do bebê. Aprofunda a ideia de que esta função do Eu-pele se desenvolve através de um apoio duplo, biológico e social. No apoio biológico, um primeiro desenho da realidade imprime-se sobre a pele. Enquanto no apoio social, o fazer parte de um grupo social é marcado por incisões, escarificações, pinturas, tatuagens, maquilagens, penteados e seus dublês que são as roupas. Logo, o autor afirma que “o Eu-pele é o pergaminho originário que conserva à maneira de um palimpsesto³⁸ os rascunhos rasurados, riscados, reescritos de uma escrita ‘originária’ pré-verbal feita de traços cutâneos” (Anzieu, 1989, p.138).

É enriquecedor este pensamento de Anzieu (1988), visto que encaminhamos nossa pesquisa na busca de melhor compreender a relação entre as funções da pele, do Eu-Pele e suas relações com as modificações do corpo. Temos a ideia, então, de que, as modificações corporais comporiam a parte do apoio social do Eu-pele, sendo reconhecidas como pertencentes ao processo de constituição da subjetividade. Agrada-nos poder refletir as modificações corporais fora do âmbito da psicopatologia. Não negamos que determinados casos de modificações corporais radicais merecem atenção diferenciada, mas não é nosso interesse neste momento abordar possíveis patologias relacionadas às modificações do corpo pela necessidade de um recorte na pesquisa.

A nona função do Eu-pele parece não ser bem clara, é a única função que aponta para uma função negativa, visto que todas as outras funções estão a serviço da pulsão de apego e, posteriormente, da pulsão libidinal. Nesta função “a pele

³⁸ Por palimpsesto compreendemos um tipo de pergaminho ou papiro, que, devido à escassez deste material e seu alto preço, era utilizado duas ou três vezes após passar por uma raspagem do texto anterior.

imaginária com a qual o Eu se recobre se torna uma túnica envenenada, asfíxiante, ardente, desagregadora. Poder-se-ia, então falar de uma função *tóxica* do Eu-pele” (Anzieu, 1988, p. 140).

Esta função do Eu-pele foi retirada quando Anzieu (2002) elaborou seus quadros a respeito das funções do Eu-pele e do Eu-pensante; o autor já havia comentado nas notas desta mesma função que elas não são imutáveis. Esta lista das nove funções seria uma grade aberta, passível de melhorias (Anzieu, 1988, p. 140), o que se confirmou em seu livro a respeito do Eu-pensante.

Nesta parte da pesquisa elucidamos a importância do órgão pele na constituição do psiquismo, a sua função primária de servir como um limite que une as partes ainda desintegradas da personalidade em uma vivência passiva e em um tempo precoce. Abordamos também os conceitos de primeira pele (Bick, 1968), e do Eu-pele e suas funções (Anzieu, 1988). Levantamos reflexões sobre possíveis relações entre as modificações corporais e algumas funções do Eu-pele. Tal roteiro foi pensado para caminharmos na direção da construção da subjetividade; agora seguiremos, portanto, com conceitos de Anzieu (2000) sobre o Eu-pensante para chegarmos ao conceito de Ego (Freud, 1923).

2.3

Do Eu-Pele ao Eu Freudiano

Percebemos que Anzieu (1988) comunga da ideia de Winnicott (1969) de que a relação tranquilizadora da mãe é importante para a constituição física e psíquica do bebê. Para o autor “o *infans* adquire a percepção da pele como superfície quando das experiências de contato de seu corpo com o corpo da mãe e no quadro de uma relação de apego com ela tranquilizadora” (Anzieu, 1988, p.60). Assim, o bebê chega não apenas à noção de limite entre o exterior e o interior, mas à confiança necessária para o controle progressivo de seus orifícios, por possuir um sentimento de base que lhe garanta a integridade de seu envelope corporal. A noção que o autor desenvolve sobre o Eu-pele considerado como interface, parece bem interessante para compor ajudar a compor a ideia de envelope. A interface seria a primeira etapa da constituição do Eu-pele, visto que o círculo maternante “circunda” o bebê com um envelope externo composto por mensagem, e ajusta-se com certa flexibilidade proporcionando espaço disponível

ao envelope interno. Este envelope peculiar, sob medida, individualiza o bebê pelo reconhecimento que lhe traz a confirmação de sua individualidade sobre um fundo de semelhança; logo, “ser um Eu é sentir-se único” (Anzieu, 1988, p. 87). Para ressaltar esta ideia, Anzieu escreve:

“Os cuidados da mãe produzem estimulações involuntárias da epiderme, quando o bebê é banhado, lavado, esfregado, carregado, abraçado. Além do que, as mães conhecem bem os prazeres de pele do bebê – e os seus – e, com suas carícias, suas brincadeiras, elas os provocam deliberadamente. O bebê recebe os gestos maternos primeiro como uma estimulação e depois como uma comunicação. A massagem se torna uma mensagem. A aprendizagem da palavra requer principalmente o estabelecimento prévio de tais comunicações pré-verbais precoces”. (Anzieu, 1988, p. 61)

Com esta citação elucidamos que, além de valorizar as comunicações pré-verbais, Anzieu (1988) remete estas trocas diretas a uma fantasia de pele comum entre a mãe e a criança: uma domina a troca direta de excitação, outra uma troca direta de significações. Reforça assim, a importância da construção de um envelope de bem-estar, suporte da ilusão.

Ciccione (2001) aprofunda a noção de que o envelope é uma metáfora entre outras, ou que podemos deduzi-lo de diferentes maneiras: envelope psíquico, pele psíquica, objeto continente transformador, objeto atrativo. O autor acredita também que podemos fazer uso de outras metáforas para descrever o sentimento de segurança interna e de existência na sua pele – por exemplo, evocar não a metáfora de um envelope, mas de um objeto interno de suporte, dando apoio ao sentimento de ser. Nesta pesquisa compreendemos por envelope psíquico uma forma de demarcação entre o mundo interior e o exterior, cuja origem estaria apoiada no envelope corporal (Machado & Winograd, 2007).

Abordamos, no capítulo anterior, a proposição de Gantheret (1971) de que há uma tripla característica ligada à questão do corpo em psicanálise, sendo ele marginal e fronteiro, fundador e constitutivo, encoberto e descoberto; sendo que o autor levar em conta também a linguagem. Neste capítulo, direcionado ao desafio de pensar a pele e sua importância na constituição do psiquismo, trazemos a ideia de Anzieu (2000) de que há uma tripla inscrição dos acontecimentos psíquicos sobre a pele, o eu e o pensar. É atribuída uma tripla inscrição dos acontecimentos psíquicos: sobre a pele são atribuídas as características de figuratividade (aponta para inscrição pré-consciente sob a forma de representação

de palavras e inconscientes sob a forma de representação de coisas), a operatividade ao eu, e a generatividade (trabalho psíquico do sonho, do luta, da criação, do estilo) ao pensar. Para tanto, utilizou a ideia de metáfora do corpo, mais especificamente da superfície do corpo. O pensar seria uma metonímia do eu que Anzieu chama de Eu-pensante, que corresponde a separações e superposições de níveis de simbolização; logo, “o pensar é uma ação diferida sobre o mundo: é operante se bem-sucedido” (Anzieu, 2000, p.40).

A partir desta proposta de Anzieu (2000), o pensar se apresenta como aquilo que nos oferece resistência e nos sustenta, o que nos protege do vazio e o que nos sobrecarrega. Nas palavras do autor: “o que nos faz respirar: sopro, voz e texto” (Anzieu, 2000, p. 15). Por acreditar que, segundo a psicanálise, o pensamento é uma ação diferida, ou seja, objetivo de nossas ações acaba se tornando o da realização de nossos desejos e da obtenção de um prazer. Porém, a ação é diferida até que sejam reunidas condições para esta realização, visto que pensar é subordinar o princípio de prazer ao princípio de realidade. Anzieu localiza aí, exatamente, o fato de ser penoso o ato de pensar. O autor cita que, para Freud, pensar divide o aparelho mental em dois modos ou zonas de funcionamento: o eu-prazer (produtor de fantasias conscientes, de devaneios diurnos) e o eu-realidade (produtor de conceitos, de juízos, de raciocínios) (Anzieu, 2000, p. 16).

Neste processo, Anzieu (2000) considera o pensar como a articulação / desarticulação / transformação das relações entre três elementos fundamentais: a casca (o mundo exterior), o núcleo (o mundo interior), e o mundo intermediário (a linguagem, a cultura). Logo, o Eu-pensante ou Eu-realidade tende a estruturar os pensamentos por uma dupla analogia com a maneira pela qual a pele envolve o corpo vivo e o eu elabora e transforma os conteúdos psíquicos (Anzieu, 2000, p. 17). Há uma distinção entre o pensar e o pensamento, os pensamentos pré-existem ao pensar; eles o chamam, o suscitam; o pensar se constrói por auto-organização, para que os pensamentos se tornem pensáveis. Para Aulagnier (1975), no estado “originário”, entre confusão e diferenciação, misto de impressões sensoriais, posturais, cenestésicas, cinestésicas, de colagens-montagens de parcelas brutas, de afetos e de fantasias, que foram comparados a “pictogramas”, ele assegura a passagem do psiquismo originário para processos psíquicos propriamente ditos, primários e secundários.

Sobre o pensar e os pensamentos, Anzieu (2000) afirma que o pensar é uma estrutura comum aos dois sexos; mas os pensamentos, ao contrário, podem ser masculinos ou femininos devido às imagens do corpo e das fantasias que os investem. Já em relação à grade das funções do Eu-pele, o autor acredita que ela fornece um instrumento empírico de classificação das funções do Eu-pensante em oito rubricas que virão a seguir. Mas ressalta que o trabalho associativo do paciente, bem como o trabalho interpretativo do psicanalista, tem a finalidade de estabelecer, manter, consolidar a consistência, a continência, a constância, a significância, a concordância, a individuação, a sexualização, a energização do pensar.

A respeito dos oito objetivos do Eu-pele e do Eu-pensante, Anzieu (2000) comenta que a *consistência* permite ao pensar dar aos pensamentos o peso e o suporte a partir dos quais tomam impulso e podem se expandir; a *continência* mantém os pensamentos juntos, delimitando campos próprios onde eles encontram concisão, força e equilíbrio entre um núcleo e uma periferia; a *constância* estabelece uma barreira de representação que protege o aparelho psíquico do excesso de excitações endógenas e exógenas, mantém a quantidade de afetos em um nível constante o suficiente para derivar uma parte da energia psíquica para o trabalho do pensar; a *significância* fixa os pensamentos por signos que permitam a diferenciação, a transcrição e a comunicação dos mesmos; a *concordância* a partir dos signos fixa os pensamentos por signos, estabelece sistemas de coerência, de convergência, de correspondência e de transformação lógica entre os pensamentos. Já a *individuação* permite pensar pensamentos pessoais que emergem e se destacam sobre um fundo comum de pensamentos já feitos; a *energização* libera a força pulsional necessária para pensar; e a *sexualização* é a erotização dos pensamentos, “falicização” do pensar, prazer de pensar.

Neste percurso que traça do Eu-pele ao Eu-pensante, Anzieu (2000) afirma que o aparelho mental faz ideia dos movimentos que afetam o corpo e que essas ideias também são chamadas de pensamentos. É na extensão sobre o Eu-pele que o aparelho psíquico cria o pensar (ou Eu-pensante ou Eu-realidade). Assim como afirma a importância do banho de palavras no envelope que a mãe faz ao cuidar do bebê, ressalta também que um Eu-pensante não pensaria se não tivesse sido submetido desde o início da vida a um banho de pensamentos (Anzieu, 2000,

p.36). Pois, as falas e os gestos maternantes são introjetados pelo bebê na ligação com o eu, e daí derivam dois níveis de simbolização: o do sentido, ligado à expressão corporal, e o da significação, ligado à linguagem. Necessariamente ocorrem também dois domínios do eu: o Eu-corporal e o Eu-psíquico (Anzieu, 2000). A importância deste processo dá-se ao fato de que o autor acredita que o ser humano pensa primeiramente com os pensamentos do outro, e que é o aparelho psíquico que permite este acesso ao pensamento do outro, assim como a obrigação de moldar os próprios pensamentos sobre os do outro.

Seguindo a linha de raciocínio do autor, os pensamentos precedem o pensar. O pensar é a parte do eu em sua interseção com o espírito, que procura conhecer o objeto; portanto o primeiro objeto é o corpo, depois – por analogia com o corpo próprio – as ideias. A equação que se forma, então, é a de que todo pensamento é pensamento do corpo: do corpo próprio, do corpo dos outros; o pensar procura reunir estes pensamentos em um corpo de pensamentos. Encontra-se aí um dos principais enunciados da psicanálise: o inconsciente é o corpo (Anzieu, 2000, p.38).

Ao desenvolver o conceito de Eu-pele, Didier Anzieu (1988) tinha como objetivo elaborar o percurso metafórico/conceitual do Ego, o qual vai da pele ao pensamento. As nove funções do Eu-pele, vistas anteriormente, são o suporte para que ele sirva de envelope psíquico. Ressaltamos que a fonte na qual Anzieu baseia sua elaboração teórica é o percurso que o próprio Freud fez na construção do conceito de ego, pois para Freud (1923):

“Formamos a ideia de que em cada indivíduo existe uma organização coerente de processos mentais e chamamos a isso o seu *ego*. É a esse ego que a consciência se acha ligada: o ego controla a motilidade – isto é, à descarga de excitações para o mundo externo. Ele é a instância mental que supervisiona todos os seus próprios processos constituintes e que vai dormir à noite, embora ainda exerça a censura sobre os sonhos. Desse ego procedem também as repressões, por meio das quais procura-se excluir certas tendências da mente, não simplesmente da consciência, mas também de outras formas de capacidade e atividade”. (Freud, 1923, p. 30)

No desenvolvimento do pensamento de Freud (1923) a respeito do conceito de ego, a atenção dada às percepções internas foi diferenciada, pois, para ele, enquanto a relação das percepções externas com o ego é bastante perspícua, ou seja, clara, a relação das percepções internas exige uma investigação especial. Nas palavras do autor:

“As percepções internas produzem sensações de processo que surgem nos mais diversos, e, também, certamente, nos mais profundos estratos do aparelho mental. Muito pouco se conhece sobre essas sensações e sentimentos; os que pertencem à série prazer-desprazer ainda podem ser considerados como os melhores exemplos deles. São mais primordiais, mais elementares, do que as percepções que surgem externamente, e podem ocorrer mesmo quando a consciência se acha enevoadá”. (Freud, 1923, p. 35)

Nas formulações do “Projeto” de 1895, Freud sustentava que a percepção é alimentada pelas excitações que chegam do exterior, através dos órgãos dos sentidos. Em o “O Ego e o Id” (Freud, 1923), temos a confirmação desta relação, como nos mostra a citação acima, e percebemos como o próprio Freud colocará as percepções advindas da superfície do corpo em um lugar de destaque em relação às outras percepções. Fato que implica na consideração de que na base da constituição do ego estão as sensações fornecidas pela superfície corporal. O destaque ao corpo, e principalmente ao tato, pode ser percebido na seguinte passagem:

“O próprio corpo de uma pessoa e, acima de tudo, a sua superfície, constitui um lugar de onde podem originar-se as sensações tanto externas quanto internas. Ele é *visto* como qualquer outro objeto, mas, *ao tato*, produz duas espécies de sensações, uma das quais pode ser equivalente a uma percepção interna. A psicofisiologia examinou plenamente a maneira pela qual o próprio corpo de uma pessoa chega à sua posição especial entre outros objetos no mundo da percepção”. (Freud, 1923, p. 39)

Esta passagem nos leva a pensar que o tato, para Freud, tem a característica peculiar de fornecer percepções externas e internas, uma via dupla. Vimos a descrição de Fontes (2006) sobre a bipolaridade tátil, referindo-se ao fato de que, para Freud, o objeto toca a minha pele e sinto a minha pele tocá-lo, o que seria enquadrado como um desdobramento psíquico do ego. Completamos afirmando que, a partir das sensações provenientes da superfície corporal, há a possibilidade de delinear a existência de uma delimitação psíquica entre “dentro” e “fora”.

Neste sentido, podemos compreender a maneira pela qual Freud chega à afirmação de que: “O ego é, primeiro e acima de tudo, um ego corporal; não é simplesmente uma entidade de superfície, mas é, ele próprio, a projeção de uma superfície” (Freud, 1923, p. 39). Lembramos que, em nota de rodapé acrescentada na tradução inglesa de 1927, há a explicação de que o ego, em última análise,

deriva das sensações corporais, principalmente as que se originam da superfície do corpo. Portanto, pode ser encarado como uma projeção mental da superfície do corpo, além de representar as superfícies do aparelho mental. Apontamos o fato de que o ego se constitui, então, primariamente em referência ao corpo e, mais especificamente, em referência à pele.

Lembramos que Fontes (2010) defende a necessidade de considerarmos a “dimensão corporal” da transferência na análise, pois, na visão da autora, ela cria condições de acesso à experiência sensorial precoce do sujeito e reinscreve a atuação do analista. Sendo assim, torna-se necessário considerarmos o corpo sensível do paciente, tal como ele aparece à escuta do analista, e interrogarmos quais conjuntos e dispositivos analíticos levariam em conta a presença do corporal. A proposta da autora é de que se o analista encontra seu lugar de recepção sensório-cinestésica, o paciente poderá “comunicar” seus signos sensoriais e transmitir vivências de intimidade e estranheza (Fontes, 2010).

Reconhecemos a importância do aprofundamento no estudo desse campo e seu valor teórico e conceitual, porém gostaríamos de demarcar aqui nossa ideia de uma necessidade precedente a esta abertura. A necessidade de que os analistas estejam atentos ao corpo, como citamos no parágrafo anterior e, principalmente, às modificações corporais efetuadas pelos pacientes. Condição primordial para que possam reconhecê-las como parte da construção da subjetividade daquele paciente. Como poderíamos pensar na dimensão corporal da transferência no processo analítico sem refletirmos, antes, sobre o corpo e suas modificações?

Segundo pesquisas de Valência (2010), em síntese, na atualidade os signos dérmicos servem largamente para:

1. Marcar uma individualização e uma possessão de si, vagamente ligada a certas cumplicidades com comunidades;
2. Constituir um arquivo ou um registro comemorativo (anos, rupturas amorosas, a perda de um ente querido);
3. Tentar dominar forças pulsionais desorganizadas e desorganizadoras.

Síntese que nos aponta que as modificações corporais endereçam para constituição da subjetividade, seguiremos com a tarefa de trabalhar as

modificações corporais na cultura e direcionar nossas reflexões para algumas considerações a respeito da noção de saúde em Winnicott (1990; 1990a; 1990b) e Dejours (1997).